

EXCLUSIVO DI EM S. PAULO

BIENAL ABRE COM BRIGA POLÊMICA E MUITA ARTE

Reportagem de J. CUNHA LIMA
Fotos de ZIGMUND HAAR



A Índia está presente com 29 quadros de Maqbool Hussain, representando a lenda de Mahabhrata. Um painel dentre essas telas será queimado.

O comício das artes

A Bienal de São Paulo transformou-se numa rotina estética dentro do calendário paulista, da mesma forma que a viagem à Lua transformou-se num tranqüilo banguê-banguê celeste. Contudo, quando se inaugurou a primeira Bienal no antigo Trianon, a cidade quase veio abaixo. Bienal era considerada sinônimo de loucura, desajuste, subversão mental. Todo mundo andava com a frase pronta na boca: "Amarrar um pincel no rabo de um burro e colocar tinta daria o mesmo resultado." Só não sabiam que a frase era de Monteiro Lobato, que a usou para o escândalo anterior da Semana de Arte Moderna, referindo-se a uma exposição de Anita Malafatti. Devemos a Cicillo Matarazzo e a todos os seus colaboradores anônimos esse fato sem precedentes: um país apenas em desenvolvimento, com a mais desenvolvida mostra de artes plásticas do mundo. Todos os grandes nomes do modernismo já passaram por São Paulo, desde a inesquecível retrospectiva de Picasso, as esculturas de

Moore, a sala de Leger, a sala especial de Edward Hooper, a revolução de Rauschenberg. Tudo isso que Francisco Matarazzo Sobrinho denominou: o ponto de encontro internacional, o comício das artes. A Bienal deste ano é exatamente um comício das artes. Os países desenvolvidos estão com os olhos voltados para as revoltas do terceiro mundo. O terceiro mundo com as esperanças mais voltadas para a paz e o desenvolvimento. A Índia nos dá o exemplo principal: um grande painel será pintado, durante três dias, perante o público, e incendiado no dia da inauguração. A imagem do legendário demônio Ravana, tema do quadro, será destruída como um símbolo da antiviência e da luta contra os espíritos diabólicos. Os italianos mancham seus quadros de sangue. Os espanhóis bradam com o fervor andaluz. O Brasil e seus companheiros latinos recebem finalmente a carta de motoristas da arte: não são mais os primitivos ou folcloristas tão do agrado da antropofagia européia: são pintores do seu tempo, adultos e graves.

Bienal de São Paulo
Inauguração: 4 de setembro
Duração: de 4 de setembro até 30 de novembro
Preço da entrada: Cr\$ 1,00
grátis: quartas-feiras

São Paulo: a maioria da Bienal

1951, primeira Bienal Internacional de Artes Plásticas. Vinte países, inclusive o Brasil, quase duas mil obras, a glória mundial na Paulista. Picasso, Rouault, Calder, Henry Moore, Max Ernst, De Kooning, Hartung, Noguchi, Saito, Fontana. Vinte anos depois, 52 países de todos os quadrantes do mundo, quilômetros de arte nos três andares do pavilhão de Oscar Niemeyer e apenas um grande nome da velha guarda, o italiano Capogrossi. E a decadência da Bienal de São Paulo? "A Bienal já era", diz um artista contestador. "Façamos um júri imparcial para se evitarem as conhecidas fofocas diplomáticas", fala o crítico José Augusto França, de Portugal. Indiferente a tudo e a todos, Cicillo Matarazzo passeia sua bengala pelas rampas do Ibirapuera. "Eu comando o mundo das artes", parece dizer o velho mecenas paulista. Luiz Dias, da Guatemala, está pintando uma faixa azul e branco com 300 metros de extensão, começando nos jardins do parque e entrando pelo edifício. "Es mi vision de

la serpiente emplumada de la era pré-colombina", diz o artista. O brasileiro Humberto Espindola pendura quarenta cortinas com milhares de crachás coloridos para homenagear o gado bovino de Mato Grosso. Enquanto o israelense Michael Gross maneja treze toneladas de aço das suas esculturas monumentais (uma delas tem seis metros de altura), o peruano Jimenez se contenta com a madeira pintada de quatro pórticos brancos emoldurando pequenos cubos avermelhados. Mas nem tudo é arte conceptual, arte ambiental ou minimal-art. Muitos outros artistas ainda usam tela, óleo e pincel. E o caso, por exemplo, do importante pintor japonês Ay-O, um dos fundadores da arte ambiental em Nova Iorque. Com as cores do arco-íris, ele repete sete vezes o mesmo quadro (homem e mulher com folha de parreira) para montar com eles um "ambiente visual". O espanhol Rafael Canogar prefere denunciar a violência de nossos dias, em quadros-objetos de grande poder dramático. O insólito volta a aparecer na representação da Alemanha: Uecker faz obra de arte com centenas de pregos pintados de branco, em superfícies curiosamente moduladas. Itália, Japão, Espanha e Alemanha são os grandes concorrentes aos 10.000

dólares do Grande Prêmio Itamarati. O Brasil, que há vinte anos paga esse caríssimo show internacional, naturalmente não terá vez no páreo. Entre os trinta artistas jovens da sala dos selecionados, como na sala dos convidados para comemorar Vinte Anos de Bienal (Manabu Mabe, Danilo Di Prete, Felícia Lerner, Yolanda Mohalyi, Flávio de Carvalho, entre outros), e ainda na sala Proposições (Maurício Salgueiro, por exemplo, com a decomposição do raio luminoso numa escultura cinética) há, certamente, mais de um artista que precisa ser reconhecido internacionalmente. A maioria da Bienal deve reconhecer a maioria dos artistas brasileiros. Mas é quase certo que no próximo dia 4 de setembro, quando for inaugurada a XI Bienal de São Paulo e anunciada a premiação, a fofoca diplomática terá mais uma vez funcionado em benefício dos estrangeiros que só vieram com a condição de ganhar. E são conchavos desse tipo que prejudicam a grande mostra e provocam a contestação de brasileiros e estrangeiros que se negam a comparecer. Quando se fizer justiça, poderemos novamente contar com os grandes da arte mundial, como aconteceu em 1951.



Ao ar livre as formas de Michael Gross.



Esta escultura é de Felícia Lerner (BR).



Do peruano Gilberto Jimenez Lopez são estas formas que se abrem até formar uma linha.



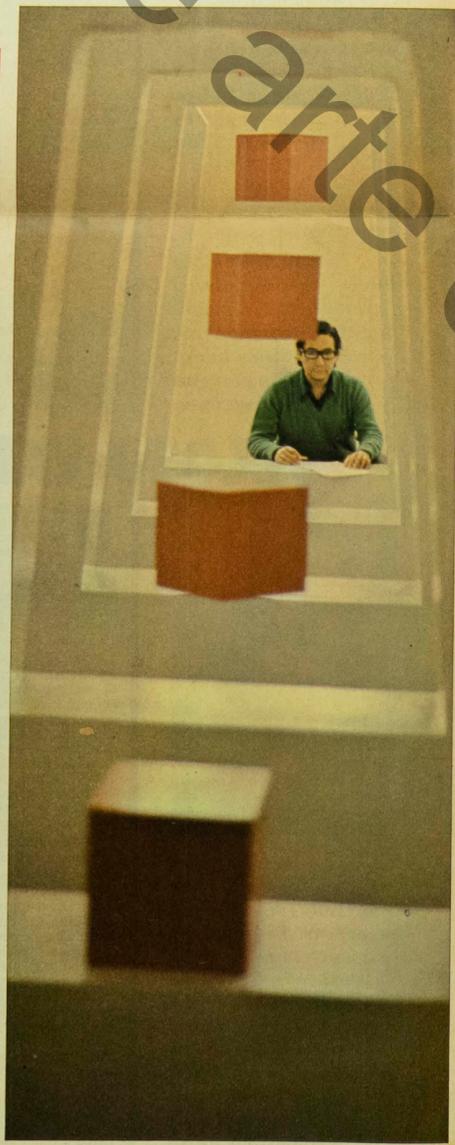
Colagens e cartazes ocupam vários stands atraindo, a cada passo, a atenção do público.

Terceiro mundo traz a paz

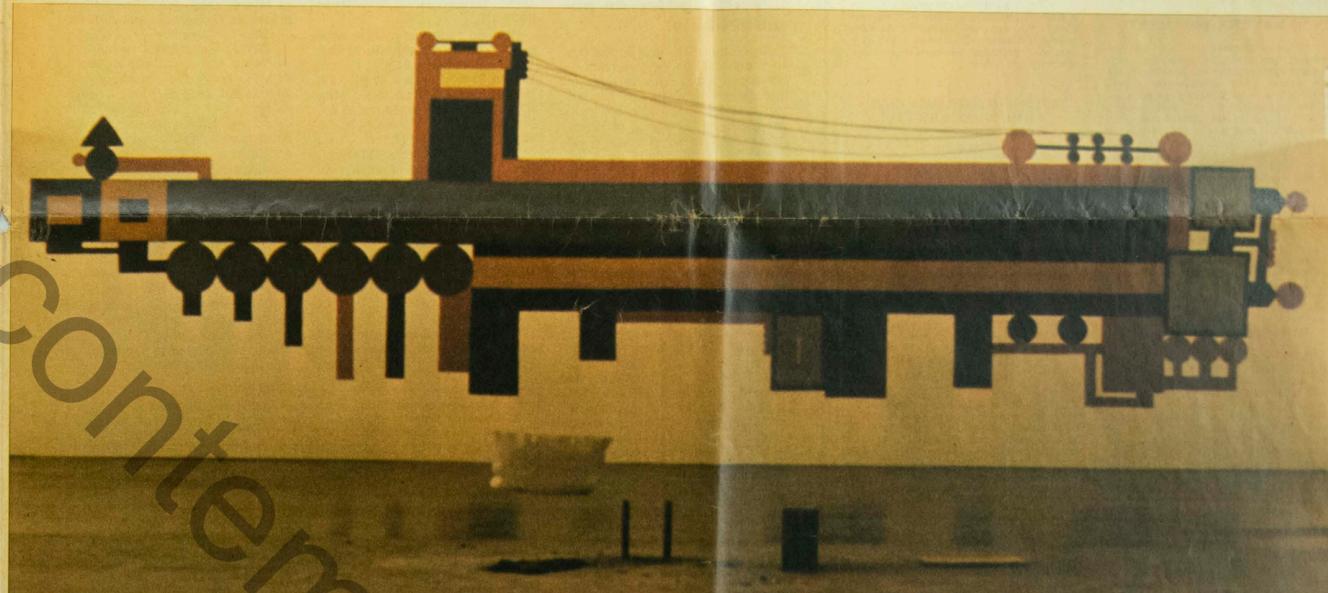
Países atômicos trazem guerra

Ravana, o demônio, vai pegar fogo

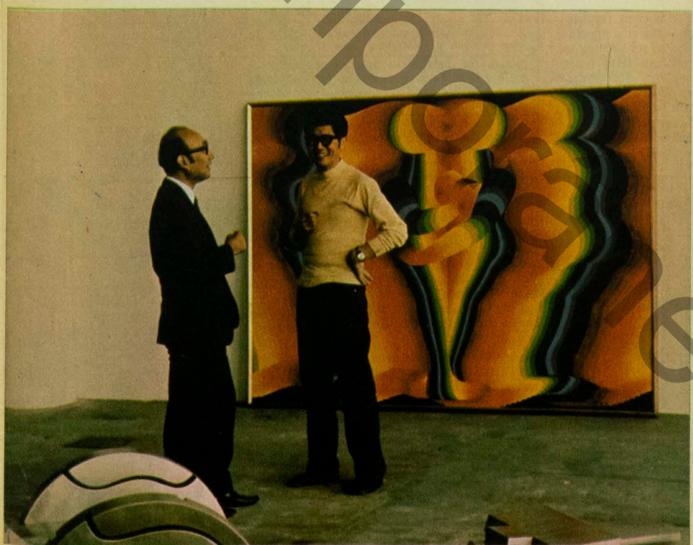
Italiano, o último da guarda velha



Numerosos truques são utilizados pelos expositores para criar o clima feérico onde formas e cores se sucedem com deslumbramento.



Iranli Nitsche comparece com um conjunto admirável de tapeçaria brasileira, em que rivalizam o talento criador da artista e a versatilidade dos elementos usados na confecção de cada peça.



Ah, o pintor japonês fundador da arte ambiental em Nova Iorque, traz o colorido alegre do Oriente.



Cada ângulo da Bienal-71 permite uma visão da mais desenvolvida mostra mundial de arte.